

Autoria, finitude e livros infinitos

Authorship, finiteness and infinite books

Luis Fernando Novoa Garzon¹Lou-Ann Kleppa²

Resumo: Este ensaio acompanha os movimentos de três textos, a saber: *O Capital* (Karl Marx), *O processo* (Franz Kafka) e o livro das *Mil e uma noites* (anônimo). Todos estes livros foram alvo de edições e traduções e a cada edição e tradução foram feitas mudanças em relação ao texto original. No texto, acompanhamos *O Capital* e *O Processo* desde sua primeira publicação até suas edições críticas, que procuram resgatar o texto original e as traduções das *Mil e uma noites* até a primeira e mais recente tradução direta do árabe para o português.

Palavras-chave: autoria; edição crítica; tradução; O Capital; O Processo; Mil e uma noites.

Abstract: This essay follows the movements of three texts: *Capital* (Karl Marx), *The Trial* (Franz Kafka), and the book of the *Arabian nights* (anonymous). All these books were edited and translated and by each edition or translation modifications were made in relation to the original manuscripts. In this essay we follow *Capital* and *The Trial* from their first publication until their latest critical editions and also the translations of the *Arabian nights* until the first and most recent direct translation from Arabic to Portuguese.

Key-words: critical edition; translation; Capital; The Trial; Arabian nights.

1 Autor e editor

Prefácio ditto corrigido ontem, devolvido.

Portanto, este volume está pronto.

Devo meramente a ti que isto tenha sido possível!

Sem o teu sacrifício por mim, ter-me-ia sido impossível realizar os enormes trabalhos para os três volumes

[do Livro 1 do *Capital*].

Carta de Marx a Engels

Não fosse Friedrich Engels, a obra de Karl Marx não teria tido projeção enquanto espelho invertido da modernidade, constituindo-se em marco lógico de praticamente todas as experiências históricas que, a partir da metade do século XIX, pretenderam opor resistência ou superar o modo de produção capitalista. Se não fosse a MEGA (*Marx-Engels Gesamtausgabe*), o projeto editorial de reunir todos os originais de Marx e Engels, teríamos acesso apenas a versões incompletas e editadas (portanto modificadas: reduzidas, ampliadas e/ou com a ordem alterada) dos escritos de Marx.

¹ Sociólogo, Doutor em Planejamento Urbano e Regional, Professor da Universidade Federal de Rondônia. l.novoa@uol.com.br, orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2280-7959>. Av. Pres. Dutra, 2967 - Olaria, Porto Velho - RO, 76801-016

² Linguísta, Doutora em Neurolinguística, Editora da EDUFRO e Professora da Universidade Federal de Rondônia. kleppa@unir.br, orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0317-9440>. Av. Pres. Dutra, 2967 - Olaria, Porto Velho - RO, 76801-016



Não fosse Max Brod, os fragmentos do *Processo* de Franz Kafka não teriam saído dos envelopes em que o autor os encerrou. Se não fossem as edições críticas KKA (*Kritische Kafka Ausgabe*) e depois a FKA (*Historisch-kritische Franz Kafka Ausgabe*), teríamos acesso apenas ao trabalho editorial de Max Brod, que deu certa ordem aos capítulos e declarou como acabada a obra incompleta de Kafka.

Não fosse Jean Antoine Galland, popularmente considerado o pior tradutor das *Mil e uma noites*, o ocidente teria que esperar para ter acesso ao livro em que Sherazade salva a sua vida entretenendo o rei com suas estórias. Se não fossem todos os outros tradutores e editores do livro, não teríamos acesso à forma melódica e luxuriante dos contos, nem entenderíamos que *Simbad o marujo*, *Aladim e a lâmpada maravilhosa* e *Ali Babá e os quarenta ladrões* saíram da pena de Galland.

Em suma, sem o trabalho daqueles que se debruçaram sobre os manuscritos dos autores, os textos dos autores acima mencionados talvez não tivessem chegado ao público leitor. Chegaram por esforço e dedicação de editores e tradutores, mas não na sua versão original.

2 Manuscrito e edições

*Caríssimo Max, meu último pedido: peço que todo o meu espólio
(que você vai encontrar em caixas de livros, guarda-roupas e escrivaninhas)
de diários, manuscritos, cartas de terceiros e próprias, ilustrações etc.
seja sumariamente queimado sem ser lido*
Testamento de Kafka

Originalmente, Marx tinha planejado escrever *O Capital* em seis livros. O primeiro foi publicado em alemão e a tradução francesa chegou a ser revista por ele mesmo. O segundo livro foi publicado em 1885 por Engels dois anos depois da morte de Marx. O terceiro surgiu nove anos depois do segundo, em 1894. Marx era o crítico totalizante da economia e filosofia burguesas, ao passo que Engels era o mediador histórico, a estipular alvos, o sequenciamento e a dosagem do antídoto

anticapitalista, cuja produção estimulava e geria. Engels recebeu de Marx os manuscritos incompletos (e é de se notar que a caligrafia é deveras diminuta e pouco legível) dos livros II e III e dedicou o resto de sua vida a completar as lacunas, ordenar os fragmentos escritos por Marx e encontrar uma formulação palpável para as ideias esboçadas por Marx.

Marx escrevia exaustivamente para pensar seu próprio texto, como descreveram os principais intérpretes de seu método (RUBEL, 1957; ROSDOLSKY, 2001) e aqueles que consigo mais conviveram intelectualmente, além de Engels (PAULA, 2011). A preparação para *O Capital* pode ser encontrada nas cartas trocadas entre Marx e Engels, nos cadernos de anotações e no esboço que foi publicado mais tarde pela primeira versão do projeto MEGA (*Marx-Engels Gesamtausgabe*) com o título de *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, ou simplesmente *Grundrisse* – que é a base para o árduo trabalho de Rosdolsky em que a arquitetura do *Capital* é apresentada de forma cristalina.

O objetivo do projeto MEGA é recuperar todos os originais escritos por Marx e Engels, inclusive para que se compare, como propôs Michael Heinrich (2013), a versão de Marx com a versão editada por Engels dos livros II e III do *Capital*, por exemplo, na língua em que foram escritos. Lemos no texto de Hobsbawm (1983) intitulado *A fortuna das edições de Marx e Engels* que o primeiro MEGA teve por objetivo apresentar uma edição fiel dos manuscritos, já que as versões disponíveis eram edições ajustadas por Engels às suas necessidades didáticas. Este projeto teve início com o trabalho de David Rjasanov (1870-1938) na União Soviética e foi interrompido logo após sua morte – resultante dos “Processos de Moscou” que desencadearam uma purga geral dos intelectuais revolucionários russos com o fito de recortar e construir a ideologia oficial do regime stalinista: o chamado “marxismo-leninismo”.

Engels havia entregue todos os originais ao Partido (SPD), onde ficaram arquivados. Rjasanov teve acesso a esses textos e fez com que fossem publicados 11 livros dos 42 planejados pelo projeto MEGA. Quando a onda do nazismo se abateu sobre a Alemanha, foi preciso proteger esses originais, que foram parar na

Holanda via Dinamarca e Reino Unido. Uma companhia de seguros holandesa adquiriu os originais num leilão e os doou para o IISG (*Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*). Muitos textos se perderam nessas viagens, mas estima-se que aproximadamente dois terços dos originais de Marx e Engels hoje estão em Amsterdam; o outro em Moscou. Além disso, ao longo dos anos, foram surgindo textos dispersos em leilões.

Quando Michael Heinrich (2013) apresentou o projeto MEGA em evento promovido pela Editora Boitempo (em São Paulo), explicou que o segundo projeto MEGA foi retomado nos anos 1970 e tem como meta publicar 114 livros de textos originais de Marx e Engels, dos quais 60 já foram publicados. Como o projeto pretende publicar todos os escritos de Marx e Engels, os textos foram divididos em quatro frentes: (1) obras exceto *O Capital*, (2) *O Capital* e seu material preparatório, (3) cartas e (4) anotações. Cada livro significa, na verdade, dois volumes: o volume que contém os textos originais e o volume que contém o aparato crítico, em que são apontadas as variantes das edições feitas (em sua maioria adotadas por partidos de orientação marxista e governos do ex-bloco socialista que avocaram os textos de Marx como corpo doutrinário) em relação aos manuscritos. Assim o projeto MEGA, realizado por pesquisadores com um grau diferenciado de autonomia, possibilita um renascimento dos estudos marxianos a partir de todos os textos tal como foram escritos pelo teórico precursor do desvelamento da dinâmica do capital(ismo).

Originalmente, Kafka escreveu fragmentos do *Processo* em um caderno. Descontente com a evolução da escrita, Kafka recortou as folhas do caderno, agrupou os capítulos e conferiu uma folha de rosto contendo o título do capítulo a cada bloco de páginas avulsas. Os capítulos foram guardados em diferentes envelopes. O romance incompleto foi escrito no período de aproximadamente um ano e interrompido em 1915. Em 1920, Kafka entregou esses originais ao amigo Max Brod que, contrariando o pedido registrado em testamento de queimá-los, publicou-os em forma de livro intitulado *Der Prozess* em 1925, um ano depois da morte de Kafka.

Marx não teve saúde para terminar sua obra. “Kafka não quis publicar porque sabia que [seus romances] estavam inconclusos, que tinham o dever de ser infinitos...” (BORGES, 1986, p. 89). Nas palavras de Eco:

Fácilmente podemos pensar na obra de Kafka como uma obra “aberta” por excelência: processo, castelo, espera, condenação, doença, metamorfose, tortura, não são situações a serem entendidas em seu significado literal imediato. Mas, ao contrário das construções alegóricas medievais, aqui os sôbre-sentidos não são dados de modo unívoco, não são garantidos por enciclopédia alguma, não repousam sôbre nenhuma ordem do mundo. As várias interpretações existencialistas, teológicas, clínicas, psicanalíticas dos símbolos kafkianos só em parte esgotam as possibilidades da obra: na realidade, a obra permanece inesgotada e aberta enquanto “ambígua” [...]. (ECO, 1976, p. 46 – 47).

O que Kafka e Marx têm em comum, outrossim, é que ambos foram instados a escrever (e publicar) pelos colegas (Max Brod também era escritor) que mais tarde se tornaram seus editores porque não concluíram em vida as suas obras. Pode-se dizer que Brod, enquanto leitor e admirador da escrita de Kafka, serviu-lhe de espelho, enquanto Engels serviu de esteio para a propagação continuada da obra de Marx.

Havia mais de uma editora disputando os direitos autorais e publicações de obras anunciadas de Kafka e pressionando Brod, que tinha os originais de Kafka à mão. Max Brod escolheu a editora Die Schmiede, que lhe ofereceu as melhores condições e anunciou, um dia após a morte de Kafka, que logo seria lançada uma obra de Kafka que entraria para a literatura universal. *O Processo* é considerada a obra de maior ressonância de Kafka e é o primeiro romance publicado do autor. Em seu posfácio à última edição crítica do *Processo*, o editor Reuß (2008) faz notar que Brod publicou, na primeira edição, somente aquilo que conseguiu ordenar, arredondar e encaixar como capítulos para obter

uma coesão e coerência que ele denominou ‘romance completo’. O romance era o gênero de prestígio da época e Kafka só tinha publicado contos. A primeira resenha publicada sobre *O Processo* (ironicamente intitulada “A última obra de Kafka”, *Kafkas letztes Werk*), como lembra Reuß, reclama da incompletude do romance e de seu caráter fragmentário.

Mesmo que a ordenação dos capítulos e as lacunas no texto tenham sido alvo de controvérsias, Max Brod apostou na publicação do método de Kafka de descrever com precisão as paredes do labirinto em que o personagem se encontra, obscurecendo o labirinto e sua urdidura; ou seja, adotando o ponto de vista do personagem que luta para descobrir de que é acusado, por quem e sob qual lei.

Assim como Engels reeditou o livro I e editou os livros II e III de *Capital*, Max Brod editou e reeditou *O Processo*: na edição de 1935, publicado pela editora Schocken Verlag, foram acrescentados ao conjunto dos dez capítulos cinco fragmentos de texto e as partes cortadas por Kafka; na edição de 1946, publicada pela Schocken Books, a grafia do título foi alterada para *Der Prozeß*. Assim como Engels explica nos prefácios dos livros II e III que interferiu na segmentação, caracterização e ordenação das partes do manuscrito e na padronização da linguagem, Brod foi acusado de interferir no texto – inclusive deixando de publicar (partes de) textos do autor cuja obra editava – justamente porque acreditava no poder da “obra acabada”.

Pouco antes das tropas nazistas invadirem Praga, Max Brod levou os manuscritos de Kafka a Istambul, depois Tel Aviv (tanto Kafka como Brod eram judeus). Antes de morrer, entregou estes manuscritos à sua secretária – que os desmembrou: foi vendendo escritos até, em 1988, vender o manuscrito de *O Processo* (dentre outros textos) num leilão. Conforme matéria de Griebeler (2010) publicada na Deutsche Welle, o restante dos textos escritos por Franz Kafka, sobre os quais não se tem a exata dimensão, foi dado às filhas da secretária de Brod. A Biblioteca de Marbach am Neckar comprou o manuscrito de *O Processo* (além de outros escritos) no leilão, concentrando assim a maior parte dos manuscritos de Kafka. Depois da morte da secretária de Brod, em 2009, suas filhas decidiram

vender os manuscritos que estavam em sua posse à Biblioteca de Marbach am Neckar, desencadeando uma briga judicial com a Biblioteca Nacional de Israel (que reclamava todos os originais de Kafka com base no testamento de Max Brod – em que a Biblioteca Nacional de Israel é mencionada). Em 2012, os manuscritos em posse das filhas da secretária de Max Brod foram transferidos para a Biblioteca Nacional de Israel.

Todavia, depois que os manuscritos de Kafka foram depositados na Biblioteca de Marbach am Neckar, eles se tornaram acessíveis a pesquisadores. Em seguida, *O Processo* receberia duas edições críticas, porque se tomava por certo que a ordenação dos fragmentos era uma questão de interpretação.

Na edição crítica de 1990, publicada pela Editora S. Fischer, composta da versão original mais o aparato crítico (em volume separado), elaborada pelo projeto KKA (*Kritische Kafka Ausgabe*) e dirigida por Malcolm Pasley, observa-se alterações de dois tipos em relação às edições de Brod: ortografia e cronologia. O título passou a ser grafado *Der Proceß*, o que corresponde a uma escolha do editor que percebeu que Kafka alternava aleatoriamente entre ‘c’ e ‘z’ e entre ‘ss’ e ‘ß’: Kafka era um tcheco escrevendo em alemão. Além disso, a reforma ortográfica fez com que a edição crítica mudasse grande parte dos ‘ß’ para ‘ss’. Thomas Anz (2008) escreveu um texto sobre a grafia do título desse livro. Nesta edição crítica que toma como base o texto original, volta-se à grafia de Kafka, ignorando as alterações ortográficas de Brod. Por fim, a ordem dos capítulos foi alterada e o que aparece como *Um fragmento* na última edição de Brod é incorporado a um capítulo na edição crítica (confrontando as últimas edições de Brod e do KKA, percebe-se que o capítulo 2 da edição crítica aparece incorporado ao primeiro capítulo na versão editada por Brod e o quarto capítulo da edição de Brod aparece como fragmento na edição crítica). Contudo, persistem inconsistências de ordem cronológica. O objetivo desta edição crítica era oferecer ao público leitor, depois de vencido o período de detenção dos direitos autorais, uma nova organização do texto.

Em resposta à edição de Pasley, surgiu a edição histórico-crítica de 1997, elaborada pelo projeto FKA

(*Historisch-kritische Kafka Ausgabe*) e organizada por Roland Reuß e Peter Staengle, fundadores, em 1994, do Instituto de Crítica Textual (ITK) sediado em Heidelberg (cidade cortada pelo rio Neckar, diga-se de passagem). Neste projeto editorial, que declaradamente foi realizado em contraposição à edição crítica anterior, os editores abandonaram a pretensão de “acabar a obra”, ordenando os fragmentos para oferecer uma versão definitiva e cronologicamente coerente. Outra coisa que foi abandonada nessa edição é o aparato que aponta para as variantes das edições em relação ao original. Por fim, foi abandonado o formato de livro: cada uma das unidades textuais – em alemão chamados de *Konvolute*, que vem do latim *convolutum* – foi publicada em caderno separado e não numerado porque se entendeu que os *Konvolute* não tinham caráter de capítulo (unidade que integra uma obra completa). Nesta última edição, intitulada *Der Prozess, O Processo* toma a forma de 16 cadernos acompanhados de 300 fac-símiles com a caligrafia de Kafka. E na caligrafia de Kafka se lê *Process* - o que definiu o título desta edição crítica. Em entrevista cedida em 2015, Reuß e Staengle contam que esta edição histórico-crítica, publicada pela Stroemfeld Verlag, tem a função de oferecer acesso ao original (inclusive com suas rasuras, anotações etc., para evidenciar o processo de escrita, que, para Kafka, era mais importante que a publicação) e preservar/arquivar (em outro suporte) os manuscritos que foram escritos a lápis/tinta em papel, material que se deteriora/apaga com o tempo. Nesta edição crítica, o leitor tem diante de si fragmentos não ordenados, uma obra incompleta, aberta, valorizando assim o processo de escrita em detrimento do produto final, passado a limpo e considerado acabado.

Projetos de edição crítica como MEGA e FKA resguardam obras e autores que abalaram monopólios interpretativos e estéticos, estabelecendo novos padrões a partir de si mesmos. Os intentos de revisitação integral dessas contribuições historicamente descortinadoras nada se assemelham a fundamentalismos a serviço da confirmação de hierarquias rígidas. A presença de pesquisadores com formação rigorosa e apurada em conjunto com

Fundações, editoras e organizações relativamente independentes em relação a estruturas político-culturais detentoras das interpretações “oficiais” dessas obras (e também independentes em sentido mercadológico) tem viabilizado editorações plurais e críticas que as têm colocado novamente em linha com o contemporâneo, ou seja, em diálogo profícuo acerca dos caminhos do mundo e da vida, em um contexto de crises sobressomadas e multidimensionais.

3 De uma língua para outra

“Šahrazād, termine para a gente a *história contada pelo seu amigo*.

Ela se parece com a história de um rei que conheço, mas eu gostaria de ouvir o que sucedeu aos moradores dessa cidade e o que disseram eles a respeito do rei, a fim de que eu recue daquilo que fazia”.

Noite 602 da tradução de Burton

Originalmente, fazia-se referências a um fragmento em sânscrito do livro das *Mil e uma noites*, mas não há registro primário dele. Os manuscritos que geraram todas as traduções posteriores são traduções árabes do persa, mas a genealogia do livro não aponta para uma versão consolidada das *Mil e uma noites*. Existem manuscritos árabes que são interrompidos na 282ª noite, assim como manuscritos (com datação mais recente) em que são contadas mil e uma noites. Contudo, quem imprime seu nome na capa das *Mil e uma noites* é sempre um editor ou tradutor, nunca um autor.

A primeira vez que o livro das *Mil e uma noites* foi lido no ocidente, foi na versão traduzida para o francês por Galland em 1704. As estórias mais famosas das *Mil e uma noites* (*Simbad o marujo*, *Aladim e a lâmpada maravilhosa* e *Ali Babá e os quarenta ladrões*) aparecem pela primeira vez nesta tradução de Galland, e não foram encontradas em nenhum dos vários manuscritos árabes disponíveis na época. Além do número das noites – e portanto de estórias – ter aumentado expressivamente quando se compara

manuscritos árabes do século IX com manuscritos do fim do século XVIII, as estórias de Galland passaram a figurar nos manuscritos árabes. Assim como Engels e Brod editaram os textos que lhes foram confiados, Galland também se apropriou do material original à sua maneira. Assim como a versão de Galland foi a mais difundida no ocidente, a primeira edição de Max Brod dO *Processo* foi a mais traduzida: a tradução de Modesto Carone dO *Processo* para o português, publicada em 1997, baseia-se na segunda edição de Max Brod porque, conforme o tradutor explica no posfácio, não havia, na época em que empreendeu a tradução, nenhum tratamento editorial radicalmente novo da obra. O projeto FKA publicou *O Processo* em 1997, *A metamorfose* em 2003 e *O castelo* em 2018.

Borges (1985), em seu ensaio *Los traductores de las 1001 noches*, narra a tessitura, geração após geração, de uma obra imemorial, coletiva e anônima, a despeito das visões de mundo que cada tradutor do livro procurou transportar para o livro que compôs. A tradução de Galland deixava transparecer uma clara preocupação com o decoro e era dirigida a um público leitor sedento pelo exótico e mágico. Por não ter feito uma tradução fiel (no limite, apenas ‘fidedigna’, ou seja, adaptada ao gosto do leitor) do texto, outros se puseram a traduzir a estória que contém em si mil e uma estórias. Joseph Mardrus traduziu para o francês a versão considerada a mais literal (e menos poética) das *Mil e uma noites*, cuja publicação saiu em 1904. Edward Lane, ao traduzir o livro para o inglês (publicado entre 1840 e 1841), deu vazão ao pudor britânico e censurou – anotando sempre o que não traduzia, em que parte do texto e por qual motivo – todas as cenas por ele consideradas obscenas. A última tradução que evidencia nitidamente a posição do tradutor se deu entre 1885 e 1888, quando o explorador Richard Burton (que já havia traduzido o *Kama Sutra* do sânscrito) confeccionou a sua tradução do livro das *Mil e uma noites* com o objetivo de entreter cavalheiros do século XIX, destacando o colorido bárbaro do oriente. Borges brinca em seu ensaio que um traduziu na contramão

do outro – assim como Reuß e Staengle editaram na via oposta da de Brod e Pasley.

Recentemente foi completada (são quatro volumes publicados entre 2005 e 2012) a primeira tradução direta do árabe para o português, elaborada por Mamede Mustafa Jarouche, cujo objetivo foi buscar fidelidade ao original – “matizada aqui e acolá por relativizações de ordem estética” (2005, vol. 2, p. 14) – conforme se lê no prefácio do segundo volume. O prefácio de cada um dos volumes deixa transparecer a mesma preocupação observada nos projetos MEGA e FKA de tornar acessível ao leitor o processo de confecção do texto original: os prefácios e posfácios, as notas nas laterais das páginas ao longo da obra e os vários anexos são equivalentes ao aparato crítico elaborado pelas edições críticas. Nas próprias palavras do tradutor, lemos no posfácio do terceiro volume que:

[...] optou-se por dar à estampa um texto o mais possível plural, evitando a rigidez dos esquemas preconcebidos que congelam a fala de Šahrazād como “obra” dada e acabada, coisa que ela, claramente, não é. Para este volume, pensou-se em perseguir outros leques de configuração, legíveis ou ao menos reconstituíveis por meio de alguns manuscritos “incompletos”, todos egípcios, que chegaram aos dias de hoje, nos quais se evidenciam possibilidades diversas de agrupamento narrativo. (2007, p. 363).

Nas edições críticas dO *Capital* e dO *Processo* e na tradução de Mamede Mustafa Jarouche, os editores e o tradutor revelam para o leitor o processo da construção da obra: Marx não escreveu o manuscrito do livro II dO *Capital* antes de escrever o livro III e Kafka iniciou *O processo* pelo capítulo intitulado *Ende*. Por fim, Mamede Jarouche utilizou oito fontes diferentes para erigir sua tradução. Assim a edição crítica e a tradução permitem infinitas leituras da obra em processo.

Karl Marx morreu e deixou sua obra incompleta. Friedrich Engels ressuscitou Marx quando publicou sua obra mais importante, no entanto, o texto pu-

blicado por Engels não é completamente fiel a Marx. Edições críticas como a MEGA buscam retornar ao texto original e sua arquitetura, o que cancela interpretações estabelecidas pela recepção e oferece infinitas novas interpretações. Franz Kafka morreu e deixou sua obra incompleta nas mãos de Max Brod. Brod deu vida a Kafka após sua morte, mas para tanto reinventou o texto do amigo, fechando-o. O projeto FKA tem como objetivo recuperar os textos originais de Kafka, evidenciando o processo de escrita. Tanto Marx como Kafka tomavam a escrita como ofício: escreviam para entender o mundo e superá-lo.

Sherazade garante sua sobrevivência por mil e uma noites (unidade adicionada a uma ordem de grandeza tal que evoca o infinito) porque deixa incompletas as histórias na passagem de uma noite para a outra. E na tradução de Burton figura um conto em que Sherazade narra, como um espelho, a sua própria história para o rei, tornando-a circular e infinita.

Referências

- ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites**. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.
- ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites**. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.
- ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites**. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007.
- ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites**. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.
- ANZ, Thomas. Kafkas Prozeß, Proceß, Process oder Prozess? Kurze Hinweise zum langjährigen Irrwitz der Editionsphilologie. **Literaturkritik.de** n. 7, 2008. Disponível em: http://www.literaturkritik.de/public/rezension.php?rez_id=12267. Acesso em: 25 abr. 2018.
- BORGES, Jorge Luis. Los traductores de las 1001 noches. In: **Ficcionario**: una antología de sus textos. México: Fondo de Cultura Económica, 1985. p. 99-116.
- BORGES em diálogo: conversas de Jorge Luis Borges com Osvaldo Ferrari. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- ENGELS, Friedrich. Preface to the first edition. In: MARX, K. **Capital**. Vol. 2. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1885-c2/choo.htm>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- ENGELS, Friedrich. Preface. In: MARX, K. **Capital**. Vol. 3. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1894-c3/pref.htm>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- GRIELER, M. Manuscritos de Kafka guardados em Zurique são disputados na Justiça. In: **DW.de**. (21/07/2018). Disponível em: <http://www.dw.de/manuscritos-de-kafka-guardados-em-zurique-s%C3%A3o-disputados-na-justi%C3%A7a/a-5823462>. Acesso em: 27 abr. 2013.
- HEINRICH, Michael. **Os manuscritos de Karl Marx e Friedrich Engels**. Exposição realizada no Curso Livre Marx: a criação destruidora, promovido pela editora Boitempo no SESC Pinheiros –SP em 22 de março de 2013.
- HEINRICH, Michael. **Der dritte Band des “Kapitals” in der MEGA**: Marx-Edition und Mark-Kritik. Disponível em: <http://www.das-kapital-lesen.de/wp-content/uploads/2005-rezension-ii15.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018. <https://doi.org/10.1515/9783050076515-012>
- HEINRICH, Michael. **Engels’ edition of the third volume of Capital and Marx’s original manuscript**. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1894-c3/editorial/heinrich.htm>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- HOBSBAWM, Erich. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBSBAWM, E. *et. al.* **História do marxismo**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 423 – 443.
- KAFKA, Franz. **Der Proceß**. Stuttgart: Reclam, 2010.
- KAFKA, Franz. **O Processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PAULA, J. A. de *et. al.* **Marx in 1869**: Notebook B 113, The Economist and The Money Market Review. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2011.

REUß, Roland. **Zu diesem Faksimilenachdruck.** Heidelberg, 2008. Disponível em: http://www.tex-kritik.de/brods_process/nachwort.pdf. Acesso em: 25 abr. 2018.

REUß, Roland; STANGLE, Peter. Entrevista a **Heidelberger Forum Edition**, 13 de novembro de 2015. Disponível em: <https://heidelberger-forum-edition.de/kafka>. Acesso em: 9 jun. 2019.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx.** Tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

RUBEL, Maximilien. **Karl Marx**: Ensayo de biografía intelectual. Tradução de Saul Karsz. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1957.

Data de recebimento: 30/01/2019

Data de aceite: 23/05/2019